

Silenciamentos, invisibilidades e subversões de gênero em *A vida invisível de Eurídice Gusmão*, de Martha Batalha

Silencing, invisibilities and gender subversions in *A vida invisível de Eurídice Gusmão*, by Martha Batalha

Jessé Carvalho Lebkuchen¹
Jian Marcel Zimmermann²

RESUMO: Este trabalho analisa diferentes experiências de gênero no romance *A vida invisível de Eurídice Gusmão*, de Martha Batalha. Nota-se que a realidade vivida pela protagonista não é a mesma das personagens que ocupam papéis antagônicos ou secundários, existindo vários níveis de invisibilidade de gênero. Nesse sentido, o que pode ser considerado como uma forma de subversão, para Eurídice Gusmão, é uma ação cotidiana de outras mulheres da narrativa, que sofrem outros tipos de silenciamentos, necessitando também novas formas de resistência.

ABSTRACT: This work analyzes different gender experiences in the book *A vida invisível de Eurídice Gusmão*, by Martha Batalha. In this essay, we showed that the reality experienced by the protagonist is different from the characters who occupy antagonistic or secondary roles, with several levels of gender invisibility. In this sense, what can be considered a form of subversion for Eurídice Gusmão is a daily action of other women in the narrative, who suffer other types of silencing, requiring new forms of resistance.

PALAVRAS-CHAVE: Gênero; Interseccionalidade; Literatura brasileira contemporânea.

KEYWORDS: Gender; Intersectionality; Contemporary Brazilian literature.

1 Graduado em Letras - Português e Espanhol pela Universidade Federal de Pelotas. Especialista em Linguagens Verbais e Visuais e suas Tecnologias no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-rio-grandense. Mestre em Letras pela Universidade Federal de Pelotas, na linha de pesquisa Literatura, Cultura e Tradução. Atualmente cursa Doutorado em Letras, na área de Teoria da Literatura, na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

2 Graduado em Letras - Português e Literaturas da Língua Portuguesa pela Universidade Federal de Pelotas. Mestre em Letras, na área de História da Literatura, pela Universidade Federal do Rio Grande. Doutor em Letras, na área de Literatura Comparada, pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Realizou Pós-Doutorado na Universidade Federal de Santa Catarina. Atualmente é professor de Língua Portuguesa e Literatura do Instituto Federal Sul-Rio-Grandense.

Espaços de gênero na literatura brasileira contemporânea

Neste artigo, temos como objetivo discutir as diferentes formas de silenciamentos e invisibilidades de gênero, bem como suas subversões, em algumas personagens do romance *A vida invisível de Eurídice Gusmão* (2016), de Martha Batalha, buscando problematizar como as violências de gênero atingem a diferentes mulheres de um mesmo núcleo, em espaços contextuais distintos, de performatividade, classe e raça. Na primeira seção, discutimos alguns marcos teóricos voltados ao gênero, embasando-se em Judith Butler e bell hooks, e aos estudos da literatura brasileira contemporânea, como os de Regina Dalcastagnè e Jaime Ginzburg. Nas demais, analisamos algumas das personagens mulheres da obra. Na primeira etapa da análise, o foco será direcionado à protagonista Eurídice. Após, às outras mulheres que não predominam a história, mas que contribuem para o seu desenvolvimento e, por conseguinte, são complexas, recebendo, em partes da obra, o foco narrativo, como Guida e Maria das Dores.

Pensamos o conceito de gênero da perspectiva de Butler (2019), não como algo definido, mas como um processo contínuo de discursos que generificam e sexualizam corpos, desde (ou até mesmo antes do) seu nascimento, condicionantes de como o sujeito deve atuar. Percebemos *sexo* e *gênero* como construtos socioculturais que servem como barreiras ou limites, condicionam as experiências, definem as possibilidades identitárias a partir de uma visão hegemônica. Ainda segundo a filósofa, é um problema determinar o sujeito do feminismo, o “ser” mulher, pois isso implica várias intersecções. O existir como mulher cisgênero branca de classe média-alta não é o mesmo que o “ser” de uma outra mulher em condições sociais distintas, seja por sua raça, origem, classe social, sexualidade etc. Os problemas de gênero não se encerram por si só, todavia, devem ser tomados em conta em diferentes circunstâncias histórico, políticas e sociais.

Considerarmos a inexistência de um sujeito mulher, pela pluralidade de mulheres e identificações e desidentificações de gênero, permite-nos inferir que somente um feminismo não contempla todas as existências, pensando apenas em uma teoria, a dominante. Seguimos o raciocínio de hooks (2015, p. 201), que aponta uma crítica de que essa perspectiva única é passível de um “individualismo liberal”, ou seja, como se bastassem algumas conquistas, direcionadas a um grupo de mulheres específicas, para alcançar o objetivo de igualdade de gênero, esquecendo ou desconsiderando que existem diferentes sujeitos de gênero. Mesmo quando se luta por direitos individuais e coletivos, há a necessidade de um olhar amplo, que escute e contemple as reivindicações de outros sujeitos, que possuem vivências distintas. Nisso a importância de buscar evitar o sufoco das dissidências, não impondo a sua experiência pessoal e a sua capacidade de juízo como determinantes de quais demandas devem ser ouvidas ou não. “Resistimos à dominação hegemônica do pensamento feminista insistindo que ele é uma teoria em formação, em que devemos necessariamente criticar, questionar, reexaminar e explorar novas possibilidades” (HOOKS, 2015, p. 202).

É nesse viés que entram as teorias feministas decoloniais, que pensam em várias problemáticas que são emergentes em sociedades e culturas como as latino-americanas e buscam relacionar gênero a partir de outras intersecções, como raça, classe, feminilidades (e mesmo masculinidades) etc., como bem aborda Gomes (2018):

É por isso que usar o gênero como categoria de análise em um trabalho brasileiro e latino-americano precisa se transformar em usar o gênero como categoria de análise decolonial: mais do que falar de interseccionalidade de raça, classe e gênero, de analisar como essas categorias de opressão funcionam criando experiências diferentes, trata-se de analisar como essas categorias juntas, trabalhando em redes, são ao mesmo tempo causa e efeito d(n)a criação dos conceitos umas das outras. Isso significa dizer que a forma como compreendemos o gênero depende de como compreendemos a raça e a classe, e o contrário igualmente. (GOMES, 2018, p. 71).

Com essas problemáticas em mente, podemos pensar como o gênero é abordado em obras literárias nacionais da contemporaneidade. Em seu estudo quantitativo, Dalcastagnè (2012) traça um panorama de como a literatura brasileira das últimas décadas tem um mesmo perfil, tanto em questões de autoria quanto em suas personagens. A maioria dos livros são escritos por homens, geralmente brancos e provenientes das classes médias. Nas personagens construídas com características distintas deste perfil, os estereótipos são frequentes e predominantes. Neste texto, entretanto, usaremos o artigo “Ausências e estereótipos no romance brasileiro das últimas décadas: alterações e continuidades” (2021), que amplia e atualiza os dados da pesquisa, considerando 689 romances publicados nas principais editoras do país entre os anos de 1965 e 1979 e entre 1990 e 2014. Algumas questões sobre a autoria de mulheres na literatura são interessantes e, ao mesmo tempo, causam certo desconforto, porque mesmo hoje, alguns anos passados e com essa discussão muito em alta, ainda podem ser percebidos:

A produção literária das mulheres ainda é rotulada como literatura feminina, que se contrapõe à literatura *tout court*, já que não se julga necessário o adjetivo masculino para singularizar a produção dos homens. Assim, é muito frequente que cada escritora seja vista como representante de uma certa dicção feminina típica, em vez de reconhecida como dona de uma voz autoral própria. Além disso, determinados estilos e temáticas continuam sendo percebidos como mais apropriados às mulheres, enquanto outros ficam praticamente como áreas interditadas. (DALCASTAGNÈ, 2021, p. 120).

Ademais dos problemas relacionados à publicação de mulheres em grandes editoras, considerando que, nos dados analisados por Dalcastagnè (2021), entre os anos 1990 e 2014, em comparação aos homens, a produção sempre foi inferior a um terço, podemos considerar outras complicações, ao pensar que o número de personagens mulheres com protagonismo também é semelhante. Além de enfrentar barreiras na divulgação de suas escritas, as mulheres são condicionadas a redigir de

certas maneiras, como em uma espécie de “literatura feminina”, sofrendo assim, ao mesmo tempo, um apagamento e uma violência, que diminuem e silenciam suas narrativas.

No romance de Martha Batalha, temos um contraponto a esse silenciamento, já que acessamos uma literatura realizada por uma mulher, em sua respectiva posição social, com uma narrativa de vivências de personagens mulheres, trazendo uma variedade entre elas, mesmo que enfoque em apenas uma (ou duas, entendendo Guida também como uma protagonista), que se posiciona em um espaço de privilégio, na perspectiva de outros aspectos sociais que transpassam o gênero. Portanto, as complexidades não se encerram somente nas questões de autoria, mas também se inserem nas personagens mulheres da literatura brasileira contemporânea:

Ao mesmo tempo em que se vão fazendo escritoras, as mulheres continuam sendo, também, objetos da representação literária, tanto de autores homens quanto de outras mulheres. Essas representações apontam diferentes modos de encarar a situação da mulher na sociedade, incorporando pretensões de realismo e fantasias, desejos e temores, ativismo e preconceito. Na medida em que, nas últimas décadas, transformou-se aceleradamente a posição feminina nos diversos espaços do mundo social, a narrativa contemporânea é um campo especialmente fértil para se analisar o problema da representação (como um todo) das mulheres no Brasil de hoje. Mas, quando falamos em mulher, é preciso lembrar que a condição feminina é, sempre, plural. (DALCASTAGNÈ, 2021, p. 120).

Aqui entram algumas questões levantadas anteriormente quando discutimos Butler, pois o ser mulher não é o mesmo para todas as personagens do romance. Veremos que isso ocorre, de formas gradativas, mesmo no foco narrativo. Enquanto temos como protagonista uma mulher branca de classe média, com uma família e condição estável, pelo menos aparentemente, as mulheres que recebem outros pequenos enfoques em partes do livro (exceto Guida, que recebe um protagonismo/antagonismo), em uma espécie de intervalos narrativos, em alguns casos até como

se fosse uma perda de tempo narrar suas histórias, possuem outras características que trazem outras complexidades, seja criar um ou mais filhos sozinha, viver uma vida infeliz por sua aparência (algo exigido ainda mais das mulheres), entre outras condições, que geralmente envolvem a necessidade de trabalhar para sua própria sobrevivência e de suas famílias. O mesmo trabalho que, para Eurídice Gusmão, é um sonho ou uma forma de visibilidade, para as outras mulheres já é uma realidade que não diminui suas invisibilidades sociais. Não é em vão que o livro se intitula com o nome da personagem e não “A vida invisível”, como em sua adaptação cinematográfica lançada em 2019, “A vida invisível de Guida Gusmão” ou “A vida invisível de Maria das Dores”.

Cabe ainda ressaltar na pesquisa de Dalcastagnè (2021) a ocupação das personagens mulheres nos romances contemporâneos brasileiros. Novamente, próximo a um terço (22%) é composto de donas de casa, predominantemente brancas, traço aparente na construção da protagonista Eurídice. Profissionais do sexo e empregadas domésticas aparecem com uma porcentagem similar (5,2% e 5%, respectivamente). Importante problematizar esses números, considerando a obra de análise, que possui várias personagens enquadradas em profissões visadas de forma pejorativa socialmente. Entretanto, podemos intuir que muitas dessas personagens nem são citadas em outras narrativas, por não serem consideradas relevantes, embora isso não signifique que elas não sejam existentes nos espaços ficcionais. A ausência também é um objeto a ser pensado, visto as profissões dadas aos homens serem múltiplas e geralmente marcadas, no mesmo estudo. No romance, temos acesso à profissão de praticamente todas as personagens masculinas, incluindo detalhes, como em qual banco o marido de Eurídice trabalha e quais funções desempenha. As histórias dos homens, mesmo quando não se trata exatamente das suas, circundam esses elementos, pois eles não são vistos somente como pertencentes ou partes de alguém.

Essas lacunas são ainda mais consideráveis quando nos deparamos com os dados raciais indicados por Dalcastagnè (2021), percebendo números abaixo de 10% de personagens negras, enquanto as marcadas como brancas estão em aproximadamente 80%. Interessa-nos mencionar que mesmo quando são existentes, como no caso da obra analisada, podemos mirar traços de preconceito e desvalia ou, em um outro extremo, como uma superdotação, que transforma e mesmo branqueia certas personagens. Assim, são reforçados os estereótipos e definidores sociais. É importante lembrar que a literatura nunca é neutra, obtendo a possibilidade de reafirmar discursos e posicionamentos que embasam a desigualdade social ou de lutar contra a maré, trazer novas possibilidades para o real através da ficção, de encontro ao que nos relata Ginzburg (2012), ao tratar sobre o narrador brasileiro contemporâneo:

No contexto de difusão de teorias pós-coloniais, parte da produção literária rompe com formas etnocêntricas, e estabelece a ética como horizonte de interação entre o sujeito e o outro. Nesse sentido, são priorizadas situações narrativas que privilegiam grupos historicamente reprimidos e silenciados. A ideia de que ocorrem fatos é problematizada pela compreensão de que construções de linguagem são polissêmicas, e a noção de verdade cede em favor do debate permanente entre diversos pontos de vista possíveis (GINZBURG, 2012, p. 205).

Dessa forma, é possível perceber pequenos avanços, principalmente na última década, provavelmente pelas necessidades e reivindicações identitárias que se tornaram sintomas de urgência, como o tratar de gênero nessa narrativa de ficção histórica, muito pelo aumento do uso engajado das redes sociais, de indivíduos e coletivos que buscam por esse tipo de literatura questionadora de padrões, que impulsionaram uma espécie de *boom* no mercado editorial brasileiro, que cada vez mais se preocupa em apontar outros espaços possíveis na contemporaneidade.

A vida invisível de Eurídice Gusmão

É nesse espaço de contestação de territórios que a obra de Martha Batalha adentra. Em sua resenha sobre o romance, Bernd (2019, p. 254) aponta que *A vida invisível de Eurídice Gusmão* faz parte de “uma escritura feminina ‘desconcertante’, manifestando uma urgência de escrever para denunciar a invisibilidade e a inaudibilidade de toda uma geração de mulheres que a precedeu e que não teve voz nem vez na cena pública brasileira”. O romance revela, portanto, uma condição de resistência, de visão crítica, tanto internamente, no contexto temporal da narrativa, quanto em um momento externo atual, que é assinalada pela autora, no prólogo, mostrando que essas mulheres ainda estão aqui, que essas violências ainda são reproduzidas e, de certa maneira, continuadas.

Nesse romance temos a história centrada em Eurídice Gusmão, uma mulher nascida nas primeiras décadas do século XX que, assim como a sua irmã, Guida Gusmão, foi criada em uma família de origem portuguesa, de uma maneira conservadora, com a educação direcionada somente para serem boas esposas, mães e donas de casa. Nesse viés, observamos um antagonismo: enquanto Eurídice se torna o bom exemplo, com um casamento estável e em ascensão social-financeira, Guida é a escória familiar, por ter de criar um filho sozinha, após ser abandonada pelo seu companheiro. Nessa situação, as duas se distanciam e perdem qualquer possibilidade de contato por anos.

Apesar de esse ser o drama principal do romance, não é o objeto central da nossa análise, mas como essas mulheres vivenciam o gênero, em um mesmo período, de formas distintas. Outras mulheres também têm suas histórias contadas nessa narrativa, em papéis secundários, mas relevantes, entre elas Zélia, a vizinha fofoqueira, Filomena, a ex-prostituta que cuida de crianças e auxilia Guida, as empregadas e as

auxiliares de Eurídice em suas tentativas de manter uma profissão, um afazer que não fosse o doméstico. Nesta seção, focaremos em Eurídice.

A personagem principal é uma criação idealizada de uma mulher padrão no período datado. Casou-se logo em sua juventude com Antenor, um homem trabalhador e bem-sucedido financeiramente, em seu emprego estável no Banco do Brasil. Já no início do casamento, especificamente nove meses e dois dias após as bodas, ela cumpre o papel indicado às mulheres desse período e tem filhos, Cecília, e posteriormente e em um curto distanciamento temporal, Afonso. Temos aqui, portanto, uma família digna de comercial de televisão, todos em suas respectivas funções sociais. Porém, antes de chegarmos a esse ponto da narrativa, os problemas de Eurídice iniciam-se logo nas comemorações do matrimônio, quando Antenor desconfia de sua integridade, pensando em um posicionamento machista do sujeito.

Foi uma cerimônia simples, seguida por uma festa simples, e por uma lua de mel complicada. O lençol não ficou sujo, e Antenor se indignou. “Por onde raios você andou?” “Eu não andei por canto algum.” “Ah, andou, mulher.” “Não, não andei.” “Não me venha com desculpas, você sabe muito bem o que deveríamos ter visto aqui.” “Sim, eu sei, minha irmã me explicou.” “Vagabunda. Eu me casei com uma vagabunda.” Não fale assim, Antenor.” “Pois falo e repito. Vagabunda, vagabunda, vagabunda.” Sozinha na cama, corpo escondido sob o cobertor, Eurídice chorava baixinho pelos *vagabundas* que ouviu, pelos *vagabundas* que a rua inteira ouviu. E porque tinha doído, primeiro entre as pernas e depois no coração. Nas semanas seguintes a coisa acalmou, e Antenor achou que não precisava devolver a mulher. Ela sabia desaparecer com os pedaços de cebola, lavava e passava muito bem, falava pouco e tinha um traseiro bonito. Além do mais, o incidente da noite de núpcias serviu para deixá-lo mais alto, fazendo com que precisasse baixar a cabeça ao se dirigir à esposa. Lá de baixo Eurídice aceitava. Ela sempre achou que não valia muito. Ninguém vale muito quando diz ao moço do censo que no campo profissão ele deve escrever as palavras “Do lar” (BATALHA, 2016, (p. 10-11).

Podemos perceber, nesse trecho, a necessidade de a mulher ser “pura”, “virgem” e “dedicada” a um homem só, condição não exigida em situação inversa. O simples

não sangrar após a primeira relação sexual é visto como um fator que possibilitaria uma “devolução” da mulher, como se ela estivesse corrompida ou defeituosa, um objeto que não seguiu as instruções para um bom funcionamento. Ao mesmo tempo, o saber desempenhar atividades correspondentes aos serviços caseiros a transforma novamente em uma mulher digna ou, pelo menos, diminui a sua sentença moral. Ademais, Antenor segue a vida propondo-se ser um bom marido, que “não exigia demais” (BATALHA, 2016, p. 33), informação irônica que aparece após o narrador trazer-nos inúmeras informações e detalhes das reivindicações necessárias para ele manter o bom humor e a tranquilidade no lar. Desta forma, “fica evidente que a permanência era uma obsessão de Antenor, que enxergava o casamento, não como uma relação, mas como um pacto colonialista: tudo e todos deveriam seguir uma rotina determinada por ele” (TORRES, 2020, p. 56).

Demonstra-se, portanto, a submissão imposta à Eurídice, que incorpora sentimentos de desvalia, tanto pelas situações vividas quanto por sua condição de dona de casa. De acordo com Freire (2020, p. 131), a personagem atuava como tantas outras mulheres que eram brilhantes, mas silenciadas, e que “viam o casamento como sua condição inata e estavam condicionadas, mesmo à própria revelia, a saber seu lugar na sociedade, ou seja, tornar-se uma boa mãe e esposa, ainda que em detrimento da sua felicidade e da sua realização pessoal”. Porém, Eurídice não conseguia lidar com essa situação da mesma forma em todos os momentos, pois tinha um conflito entre a sua identidade com a “Parte de Eurídice Que Não Queria Que Eurídice Fosse Eurídice” (BATALHA, 2016, p. 55). Diferentemente de Antenor, que estava tranquilo em sua posição no ambiente familiar, a condição dada à personagem não era confortável, “como se estivesse sempre sufocada, buscando, aflita, pelo oxigênio que não encontrava entre as paredes da sua casa” (TORRES, 2020, p. 56).

Com o passar do tempo, ultrapassando os limites dados a uma dona de casa, Eurídice busca por formas de exercer atividades em que atingia níveis altos de exce-

lência como uma profissão, o que causa problemas tanto no ambiente interno, com o seu marido, por conta de um posicionamento conservador e machista, quanto no externo, na visão dos vizinhos, que anunciam como se a família estivesse passando por problemas financeiros e que, por isso, Eurídice necessitava de um ofício. Uma de suas tentativas é através da culinária, área em que sonha se tornar uma das escritoras de livros de receitas que ela e outras donas de casa se inspiravam, pensando em ensinar suas próprias criações gastronômicas para outras pessoas, pois cozinhava muito bem. Com esse intuito, começa a tentar comidas novas, para a felicidade momentânea de Antenor, que ainda não sabe de seu projeto. Rapidamente, termina seu primeiro volume, porém, ao anunciar a novidade ao marido, em um jantar especial, não tem a reação esperada ou, melhor, desejada.

“Olha aqui, Antenor”, ela disse, aproximando o caderno do marido. “Anotei aqui todas as minhas receitas. Você acha que posso publicar?” Antenor encontrou ali uma desculpa para deixar o prato de lado. Deu um arrotto discreto e folheou o caderno de notas. Eurídice esperou imóvel, ouvindo o farfalhar das folhas. Até o marido gargalhar. “Deixe de besteiras, mulher. Quem compraria um livro feito por uma dona de casa?” Aquela gargalhada entrou por um ouvido de Eurídice. E nunca mais saiu pelo outro. Ela baixou a cabeça, ocupou as mãos com os babados do avental e tentou se explicar. Disse que cozinhava há anos, e que os pratos pareciam bons. Mas Antenor não estava ali para conversa mole. Ele só dizia o que considerava importante. “Passe-me os palitos.” E Eurídice, que nunca tinha visto a vida além daquela casa e daquele bairro, ou da casa e do bairro dos pais, achou que o marido tinha razão. (BATALHA, 2016, p. 31).

Outro projeto desenvolvido é o da costura, com mais sucesso, mesmo que tenha sido realizado de formas mais subversivas, pois dessa vez Eurídice o esconde de Antenor, que só descobre após algum tempo. A personagem passa a criar roupas para si, primeiramente como *hobby*, até verificar que pode usar isso como uma profissão, não pelo dinheiro, pois cobrava somente o que precisava para cobrir os gastos materiais necessários e pagar as funcionárias que a auxiliavam. Desenvolve

o trabalho em um ambiente fora da visão de Antenor, mesmo sendo em sua casa, espaço a que voltava todos os dias do trabalho e encontrava do mesmo jeito que estava quando saía pelas manhãs. Entretanto, em um dia que ele estava em casa por uma enfermidade, desce para a sala e vê as mulheres vizinhas experimentando vestidos, como se estivessem em uma boutique e, mais uma vez, interrompe um projeto profissional de Eurídice, de uma forma ainda mais agressiva. Porém, segundo Torres (2020, p. 57), “[o] que ele não previu foi que [...] a contenção das paredes do lar não conseguiria abafar o imaginário fértil de Eurídice e a sua vontade de existir. Não era um animal a ser domado, era uma mulher, com direitos, aspirações e, mais que isso, inspirações”. Eurídice nunca desistiu de tentar ser visível, mesmo sem conseguir, pelo menos para o seu marido, que somente a enxergava como uma peça de sua casa, de sua família e não como um sujeito, com suas próprias singularidades e objetivos.

As invisibilidades das outras mulheres (que não são Eurídice Gusmão)

Guida, apesar de pertencer à mesma família de Eurídice, tem uma vida totalmente oposta à da irmã mais nova durante a vida adulta. Seus problemas iniciam ao demonstrar interesses românticos por Marcos e começar um relacionamento com ele, mesmo sendo descendente de uma casa nobre do Rio de Janeiro, já demarcando sua origem apenas pelo sobrenome. Porém, apesar de sua condição favorável em questões financeiras, o estudante de Medicina não possui muito êxito na profissão, por não ter nem mesmo realizado suas provas durante o curso, feitas por um colega seu, que é negro e de origem humilde. Com isso, acaba perdendo todos os pacientes, por disponibilizar o mesmo tratamento para todas as enfermidades, obviamente, sem grande sucesso. Para resolver seu problema, Marcos acaba voltando para o seu “berço de ouro”, abandonando quem conhecemos inicialmente como a irmã de Eurídice Gusmão.

Entretanto, para Guida, a situação não se tranquiliza tão facilmente, por estar grávida. Ao tentar voltar para a casa da família sozinha, sem o companheiro, com uma aparência que não ocultava a gravidez, recebe uma negativa de acolhimento do seu pai, que nem mesmo a reconhece como filha. Podemos pensar aqui o papel da mulher como mãe, em comparação à sua irmã, Eurídice, em que os filhos eram considerados uma bênção e uma continuidade na geração familiar, por ser enlaçada em matrimônio. Ao contrário de seu caso, cuja gravidez era vista pela família como um fardo, uma vergonha, algo que não deveria existir, como podemos notar nesse trecho: “Pai?” ... “Pai?” ... “Sou eu, pai. Sua filha Guida.” Seu Manuel não levantou a cabeça, e só deixou de cerrar os dentes para pôr fim à situação. “Só tenho uma filha. Ela se chama Eurídice.” (BATALHA, 2016, p. 106).

As problemáticas de maternidades e constituições familiares também aparecem em outras personagens mulheres da obra. Uma delas, que aparece de forma ocasional na narrativa, mas que está presente no espaço do romance recorrentemente, marcando mais uma ausência, é Maria das Dores, que trabalhava como empregada doméstica de Eurídice Gusmão, descrita em sua primeira aparição como uma aquisição, como um objeto, “uma das maravilhas daquela e de tantas outras épocas” (BATALHA, 2016, p. 37). No trecho abaixo, podemos perceber a relação hierárquica e as condições de trabalho problemáticas, demonstrando como o tratamento, mesmo entre pessoas do mesmo gênero, pode ser desigual, em polos opostos, a depender de outros fatores.

Maria das Dores, coitada, ganhou ainda mais dores. Para Eurídice sempre havia franzidos na cama já feita, risquinhos no piso encerado, pentelhos no box lavado. Ela não se importava de começar a trabalhar às sete da manhã e de ir embora depois das oito da noite, não se importava em fazer todos os dias a mesma refeição de arroz, feijão e músculo, não se importava em passar as blusas de linho e os ternos de casimira no quartinho dos fundos, que no verão atingia temperaturas de meios-dias equatoriais, desde que pudesse chegar em casa todos os dias para ver seus três amores. Maria das Dores era mãe de

três filhos que se criavam sozinhos, que se alimentavam dos pratos que ela guardava no forno e se vestiam das roupas que ela deixava na cômoda, e que agora já tinham idade para andar soltos na casa, não sendo mais necessário acorrentá-los no quarto para se manterem longe das facas e fogos da cozinha. (BATALHA, 2016, p. 37-38).

Portanto, mesmo um sujeito ou um grupo que sofre violências sociais pode ocupar, em outros momentos e contextos, papéis opressivos. Enquanto Eurídice é silenciada por Antenor, por seus discursos e atitudes machistas, ela tem uma relação repreensiva com Maria das Dores, que está em uma condição de inferioridade pela posição social e empregatícia em que atua, profissão que geralmente é direcionada a pessoas não-brancas na literatura, reflexo também encontrado em espaços da realidade brasileira, histórica e contemporânea, como observamos na pesquisa de Dalcastagnè (2021). Isso vai ao encontro do que hooks (2015) problematiza.

Ocupando essa posição, suportamos o fardo da opressão machista, racista e classista. Ao mesmo tempo, somos o grupo que não foi socializado para assumir o papel de explorador/opressor, no sentido de que não nos permitem ter qualquer “outro” não institucionalizado que possamos explorar ou oprimir. (As crianças não representam um outro institucionalizado, embora possam ser oprimidas pelos pais.) As mulheres brancas e os homens negros têm as duas condições. Podem agir como opressores ou ser oprimidos. Os homens negros podem ser vitimados pelo racismo, mas o sexismo lhes permite atuar como exploradores e opressores das mulheres. As mulheres brancas podem ser vitimizadas pelo sexismo, mas o racismo lhes permite atuar como exploradoras e opressoras de pessoas negras. Ambos os grupos têm liderado os movimentos de libertação que favorecem seus interesses e apoiam a contínua opressão de outros grupos. O sexismo masculino negro prejudicou a luta para erradicar o racismo, assim como o racismo feminino branco prejudica a luta feminista. Enquanto definirem a libertação como a obtenção de igualdade social com os homens brancos da classe dominante, esses dois grupos, ou qualquer outro, terão um grande interesse na exploração e opressão continuada de outros. (hooks, 2015, p. 207-208).



Enquanto para Eurídice a dedicação aos filhos é exclusiva e até mesmo chega a ser um enfado, por ser sua única possibilidade, para Maria das Dores a maternidade é apenas mais uma de suas funções diárias. Entretanto, para a empregada, chegar em casa e ver os filhos era o momento mais desejado do dia, mesmo com todo o trabalho que ainda teria em preparar o alimento, a vestimenta e as outras demandas da casa, para eles terem a possibilidade de se criar “sozinhos”, ressaltando as aspas, durante os turnos em que a mãe trabalhava, situação habitual, pois ela “chegava a tempo de servir o café dos patrões e ia embora depois do último prato do jantar lavado” (BATALHA, 2016, p. 37). O romance também traz uma espécie de silenciamento narrativo, por mostrar que a história dela, assim como a de outras mulheres que não tem o sobrenome Gusmão, não é tão importante de ser contada: “Mas esta não é a história de Maria das Dores. Maria das Dores inclusive só aparece por aqui de vez em quando, na hora de lavar uma louça ou fazer uma cama. Esta é a história de Eurídice Gusmão, a mulher que poderia ter sido” (BATALHA, 2016, p. 38).

Retomemos o início desta seção, quando abordamos sobre o colega de faculdade do então companheiro de Guida e progenitor de seu filho. Consideramos importante marcar essa questão, mesmo não sendo o recorte da análise, tratando-se de uma personagem masculina, por estarmos discutindo também sobre interseccionalidades. Ao longo da narrativa, o colega de Marcos que, diferentemente dele, não é nomeado como “doutor”, como médico, é embranquecido conforme vai mostrando suas qualidades intelectuais e profissionais. Se, nas primeiras aparições, ele é narrado como “meio mulato” e “meio pobre”, algo dado como características negativas, isso vai mudando ao demonstrar que era “muito capaz. Tão capaz que depois de se formar montou consultório e trabalhou nos melhores hospitais do Rio, deixando de ser ao longo da vida um meio mulato para se tornar um quase branco” (BATALHA, 2016, p. 99), indicando narrativamente que a branquitude carrega aspectos positivos em sociedades racistas, diferentemente da negritude. Isso parece-nos relevante pois as

mesmas características de “ascensão social” não são possibilitadas para as mulheres negras do romance, que seguem sempre como “a neguinha” (BATALHA, 2016, p. 52). Ou seja, as violências de gênero são somatizadas às de raça, dificultando ainda mais a visibilidade de sujeitos.

Poderíamos falar também sobre outras mulheres da narrativa, sobre prostituição e objetificação dos corpos, sobre a sororidade que provinha das classes mais rebaixadas da sociedade e mesmo sobre outros aportes como masculinidades, ainda voltados às discussões de gênero, pois as histórias que são visibilizadas, mesmo que brevemente, são muitas. Ademais, caberia abordar como Eurídice demonstra uma subversão em somente ser narrada com o sobrenome de família, mesmo que paterno, Gusmão, e não com o Campelo de seu marido. Provavelmente esse eco de diferentes personagens, com múltiplas camadas de profundidade, é o aspecto mais surpreendente em um romance com menos de duzentas páginas. O *tec tec tec* que conta a história da invisibilidade de um sujeito só acaba despertando diversas visibilidades e invisibilidades que passam muitas vezes despercebidas, assim como os sujeitos reais que não são nem apontados por grande parte da literatura brasileira.

A(s) história(s) da(s) invisibilidade(s)

Nesse ensaio, costurando estudos de gênero e literatura, pudemos perceber uma característica das narrativas da contemporaneidade brasileira apontada por Perrone-Moisés (2016):

A literatura de ficção, como certa corrente historiográfica contemporânea, se interessa pelas vidas de homens e mulheres comuns naqueles períodos conturbados, fixados pela historiografia tradicional em grandes relatos documentais. A particularidade da ficção, com relação à história da vida cotidiana, é a liberdade de inventar não apenas personagens, mas também seus pensamentos e sentimentos. As novas mídias estocam uma enorme quantidade de informação histórica, mas elas



são efêmeras: as pessoas as utilizam de modo rápido e fragmentado, e os próprios sistemas são logo superados por outros, tornando-se obsoletos. Os romances contemporâneos enfocados nos trágicos acontecimentos do século passado reativam, no leitor, uma memória que tende a esmorecer com o tempo e, a partir dela, suscitam uma reflexão que deve servir ao presente e ao futuro". (PERRONE-MOISÉS, 2016, p. 261).

A vida invisível de Eurídice Gusmão revisita o passado histórico nacional ficcionalmente, trazendo personagens comuns, cotidianos, que buscam por uma visibilidade, mesmo com os entraves causados por serem mulheres, de diferentes contextos sociais. Vemos que, na verdade, a invisibilidade tem traços visíveis, como na intersecção racial, que é marcada socialmente como uma diferença, muitas vezes colocada em posição marginalizada. Ao mesmo tempo, pode ser mostrada de formas positivas, em uma perspectiva, no caso de Eurídice, que é vista pela sociedade com uma vida invejável, apesar de a personagem não se sentir assim.

Portanto, os silenciamentos e subversões de gênero não são os mesmos. Percebemos que a invisibilidade de Eurídice é causada por conseguir ser apenas uma dona de casa, mesmo com os inúmeros talentos que desenvolve desde a infância. O sonho da protagonista nunca foi o de ser apenas uma esposa e mãe, mas de ser uma artista, cozinheira, costureira e, por fim, escritora. Na nota da autora, ao final do romance, temos algumas possibilidades interpretativas.

Não se sabe se os escritos de Eurídice receberão algum dia a devida atenção [...]. Mas não Antenor. Este não conseguirá olhar para nada que pertenceu a Eurídice, na consequência de ter os olhos de novo transbordando, e de dizer, "Eurídice era uma grande mulher, Eurídice era uma grande mulher". De qualquer forma, se alguém, algum dia, achar na principal gaveta do escritório a encadernação do papel-ofício contendo na primeira página o título *A história da invisibilidade*, e tiver a sabedoria de ler aquelas páginas, entenderá que é um livro importante demais para pertencer a apenas uma biblioteca. (BATALHA, 2016, p. 187-188, grifo da autora).

Podemos pensar, primeiro, que o romance é baseado no *A história da invisibilidade*, escrito pela própria Eurídice. Porém, o que traz à tona aqui é novamente a dificuldade que Antenor ou outros homens de sua geração, como o pai da protagonista, teriam de reconhecer e valorizar os talentos de sua esposa, de sua filha etc. Compreendemos, assim, que a história da invisibilidade de Eurídice Gusmão segue existindo, retomando o prólogo que foi citado na segunda seção.

Ao mesmo tempo, refletimos que nem todas as mulheres sofrem as violências de gênero da mesma forma, como dito anteriormente. Se, para Eurídice, o problema maior era não poder desenvolver um trabalho, um ofício, outras mulheres, como a sua própria irmã, que veio do mesmo ambiente que o seu, não experienciam o “ser” mulher da mesma forma. Isso nos mostra que há vários níveis de invisibilidade de gênero e o que seria uma subversão, para Eurídice, é uma ação cotidiana da maioria das mulheres, como Filomena, Dona Maricotinha e outras tantas. Ainda, é interessante salientar um trecho do livro, que descreve outra faceta:

E aqui o leitor se pergunta: será que todas as mulheres nesta história são tristes ou amargas? De jeito nenhum. Algumas conhecidas de Eurídice tiveram sorte. Isaltina gostava de bordar e tinha o privilégio de rir com dentes perfeitos, o que ela fazia com bastante constância, porque tinha um marido com quem gostava de conversar e que era capaz de pagar a conta do dentista. Margarida era viúva e muito feliz, porque Deus lhe tomou o marido mas deixou-lhe a pensão, e que alívio que não foi o contrário. Celina não se casou, mas teve uma boa herança. Também tinha um bom amigo, que via às quartas e sextas. (BATALHA, 2016, p. 47).

Dessa forma, as experiências de cada sujeito são únicas, com alguns enfrentamentos de gênero em comum, mas que seguirão existindo, de formas individuais e, principalmente, coletivas. Isso se comprova, no campo literário, ao considerar que os espaços da literatura brasileira contemporânea estão sendo cada vez mais questionados, ocupados e exigidos, e que as invisibilidades estão sendo narradas,



percebidas e visualizadas. Se no século XX, a vida de Eurídice é, de muitas maneiras, invisível, no século XXI, Martha Batalha tem a oportunidade de nos apresentar a vida dessa personagem, juntamente às outras mulheres que já não são mais somente invisíveis, pelo menos não para nós.

Referências

BATALHA, Martha. *A vida invisível de Eurídice Gusmão*. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

BERND, Zilá. O extremo contemporâneo na literatura brasileira. *Alea*, Rio de Janeiro, v. 21, n. 3, p. 253-257, set. 2019.

BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. 17. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2019.

DALCASTAGNÈ, Regina. *Literatura brasileira contemporânea: um território contestado*. Vinhedo: Horizonte, 2012.

DALCASTAGNÈ, R. Ausências e estereótipos no romance brasileiro das últimas décadas: Alterações e continuidades. *Letras de Hoje*, v. 56, n. 1, p. 109-143, jun. 2021.

FREIRE, Pollianna de Fátima Santos. *Afetos possíveis: a representação de diferentes tipos de arranjos familiares na literatura brasileira contemporânea*. 2020. 296 f. Tese (Doutorado em Literatura) – Programa de Pós-Graduação em Literatura, Instituto de Letras, Universidade de Brasília, 2020.

GINZBURG, Jaime. O narrador na literatura brasileira contemporânea. *Tintas*, Milano, v. 2, p. 199-221, 2012.

GOMES, Camilla de Magalhães. Gênero como categoria de análise decolonial. *Civitas*, Porto Alegre, v. 18, n. 1, p. 65-82, abr. 2018.

hooks, bell. Mulheres negras: moldando a teoria feminista. *Revista Brasileira de Ciência Política*, Brasília, n. 16, p. 193-210, jan./abr. 2015.

PERRONE- MOISÉS, Leyla. *Mutações da literatura no século XXI*. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

TORRES, Maximiliano. “Não era dor / o que sentia / era abismo”: cartografias de um eu em *A vida invisível de Eurídice Gusmão*, de Martha Batalha. *Ártemis*, João Pessoa, v. 29, n. 1, p. 46-61, jan./jun. 2020.